

Valor Econômico, 05 de junho de 2020

Ajuda contra quebra de empresa pode chegar tarde

O crédito não é ferramenta certa para impedir as empresas de ficarem insolvente se a crise se prolongar, dizem pesquisadores do Ibre

Por: Sérgio Tauhata

A crise econômica ligada à pandemia pode resultar em uma onda de quebra de empresas e existe um risco de a ajuda chegar tarde demais, apontam os pesquisadores do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IbreFGV), durante debate virtual promovido pelo Valor. Conforme o grupo de especialistas, a principal linha de defesa do governo contra a covid-19 no caso das empresas se concentra em programas de financiamentos emergenciais. O problema é que o crédito funciona como ferramenta para ajudar organizações solventes e tende a ser menos efetivo para impedir fechamento de companhias mais afetadas no isolamento social.

“No caso do Brasil existe uma quantidade gigante de pequenas empresas que se confundem com as pessoas físicas e uma quebradeira generalizada pode esgarçar o tecido social”, afirma o pesquisador do Ibre e professor da Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE) da FGV/RJ, Fernando Veloso. Uma onda de falências, reforça o especialista, tem efeitos amplificadores para a crise, porque cria um efeito dominó, no qual as companhias falidas deixam de pagar fornecedores, contratos e operações de crédito, o que estende as dificuldades a outros agentes.

“Não dá para ter dimensão exata dessa questão de quebra de empresas, mas um ponto a ser colocado é se os programas não estão chegando tarde demais”, pondera o pesquisador associado do Ibre, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda e ex-chefe da assessoria econômica do Ministério do Planejamento, Manoel Pires. “É um receio justificável”, acrescenta.

De acordo com Pires, “a expectativa aqui e lá fora é que muitas empresas entrem em recuperação judicial”. Uma preocupação extra seria ainda sobrecarregar o Judiciário com esses processos.

Para Veloso, o crédito “talvez não seja o instrumento ideal para lidar com o problema”. Na visão do professor da EPGE, “inúmeras empresas vão fechar, setores vão encolher, muitos não vão poder pagar dívidas e é por isso que conceder crédito é tão difícil”.

O coordenador de Economia Aplicada do Ibre/FGV e professor do IE/UFRJ, Armando Castelar, explica que o diagnóstico inicial de solução para a crise era de se construir uma ponte de liquidez às empresas. “É uma maneira de antecipar uma renda futura até quando a pandemia passasse.” Na avaliação do economista, “a conclusão é que isso funciona para empresas de grande porte, mas tem uma série de empresas que vão ter grandes perdas”.

Veloso acrescenta ainda que o “crédito não está funcionando bem contra um problema para o qual não foi criado para resolver que é de empresas que vão ficar insolventes”. Na avaliação do professor do EPGE, o próprio conceito de solvência vai depender da duração da pandemia. “Pode ter empresas solventes agora, mas que podem não ser mais se a crise se estender.”

Conforme Castelar, “a pergunta a ser feita é se temos de socializar as perdas dessas empresas ou não”. O pesquisador indica que alguns países tem transferido a conta para o contribuinte, como EUA e Reino Unido. “O instrumento do crédito funcionou, mas chegou num limite rápido.”

Nos EUA, o programa para micro e pequenas empresas não tem exigência de garantias, conta com 100% de risco assumido pelo Tesouro e prevê o perdão de dívida, se comprovada manutenção de empregos. O Reino Unido tem um programa no qual o governo paga até 80% do salário de funcionários de empresas privadas no limite de 2,5 mil libras mensais.

De acordo com Pires, “a preocupação com destruição de empregos é tão grande que programas estão migrando para programas de transferência de renda”. Mas o país não tem espaço fiscal para esse tipo de solução.

“Os programas emergenciais exigem enorme volume de recurso, o Brasil já não estava confortável antes da pandemia e com o déficit primário acima

de 10% do PIB neste ano o limite é pequeno para repetir o que países desenvolvidos fazem”, resume Veloso.

Link original: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2020/06/05/ajuda-contraquebra-de-empresa-pode-chegar-tarde.ghtml>